

CULTURA DA INDIFERENÇA

Heiji Tanaka *

“Um mundo significativo é aquele que carrega um futuro que se estende além da incompleta vida de um indivíduo (...).”

Lewis Mumford

Resumo

No mundo instável em que vivemos, dominado pela Ciência e Tecnologia, ameaçado por guerra nuclear durante longo período, e pela destruição do meio ambiente, nada mais parece ter sentido, senão deixar-se levar pela lógica inelutável do consumismo. O consumismo, porém, não é causa mas consequência de uma cultura de indiferença que se instalou entre nós e que obstaculiza qualquer tentativa de combate às forças da tirania e do fanatismo que insistem em manter o homem preso à sua minoridade. O que muitos não percebem é que estão realizando o jogo de cartas marcadas, ditado pelos defensores do irracionalismo.

Abstract

We live on a stable world, dominated by the science and technology, threatened by nuclear war during a long time and by the destruction of the environment, nothing else seems to have sense, otherwise to be taken by the unfightable logic of

the consumption. The consumption, however, is not the cause, but the consequence of an apathy culture that installed among us and that doesn't allow any combat attempt to the tyranny power and the fanaticism. That insist on keeping the man tight to his minority. Many people don't realize that they are playing the game of marked cards dictated by the irrationalism supporter.

Introdução

Está em voga nas sociedades ocidentais imaginar que é chegado o tempo do Apocalipse. Para todos os lados onde olhamos são nítidos os contornos carregados de pessimismo, desespero, imobilismo, que deságuam, enfim, na mais completa indiferença do indivíduo para com a coletividade. Esse sentimento de vazio, de ausência de esperanças nos horizontes da humanidade não se constitui em um fenômeno novo na história. É difícil deixar de pensar em situações passadas como a chegada do fim do primeiro milênio, a peste negra

* Licenciado em História. Docente da UNIPAR.

no século XIV, o “mundo de ponta cabeça” durante as revoluções dos séculos XVII e XVIII, quando o anúncio do final dos tempos foi feito repetidas vezes pelos profetas de cada época.

Este trabalho tenta levantar algumas questões acerca desse traço cultural de nossa época, que mistura subversão, desespero e apatia, e o mal-estar advindo dessa situação. Trata-se de um fenômeno que, mais uma vez, procura colocar em xeque os limites das potencialidades humanas, mas, em contrapartida, reabre um enorme desafio para a criação de condições possíveis para a superação desse impasse que se instalou nesse final de século.

1. O DISCURSO DO CONFORMISMO

Num trabalho bastante original, o historiador Hillel Schwartz demonstra que o final de século - pelo menos desde o término do primeiro milênio - foi sempre marcado por aspectos bastante diversificados e até contraditórios entre si. Naturalmente, por “final de século” não se deve entender apenas o período de anos correspondentes que antecedem a chegada do novo século mas também os resquícios do século anterior que sobrevivem no seguinte. Assim, as Cruzadas, a descoberta da América e a subsequente Reforma Protestante, a Revolução Francesa, a Belle Époque com a efervescência cultural das primeiras décadas do século XX (o Futurismo, Dadaísmo, Surrealismo), estão inseridas na atmosfera do que chamamos de fim de século. Ainda, segundo o Autor, nesses períodos, coexistem e se alternam sentimentos de otimismo e pessimismo, de euforia e apatia, onde velhas e novas esperanças são colocadas aos homens - ao mesmo tempo que antigas ou recentes profecias anunciam catástrofes iminentes.

Dentro dessa perspectiva, parece visível (e até consensual) que a marca indelével do nosso fim de século, que coincide com o término do segundo milênio, é esse sentimento de apatia e conformismo diante do mundo em que vivemos. Existe uma sensação generalizada em vários meios

- intelectuais ou não - de que nada pode ser feito, que tudo o que for tentado para atenuar as dores e o sofrimento da humanidade está fadado ao fracasso e o estado de coisas permanecerá o mesmo “desde sempre e para todo o sempre” como diria o escritor Gabriel Garcia Marquez, para enfatizar a situação de desespero e imobilismo que tomou conta de vários grupos da sociedade. É um universo onde não há lugar nem para o otimismo nem para o pessimismo; nem para a crítica, nem para o ceticismo; restando apenas a indiferença como padrão de comportamento.

Algumas razões explicam a generalização desse sentimento misto de desespero e conformismo antecipados.

A primeira razão foi, sem dúvida, o prolongado período da Guerra Fria, que colocou, pela primeira vez na história da humanidade, a possibilidade de aniquilamento completo da espécie através de suas próprias criações. A iminência da morte coletiva, provocada pela insanidade de alguns governantes, mostrou de forma bem clara a vulnerabilidade a que a vida do indivíduo estava exposta. Até então, os indivíduos enxergavam a morte apenas no horizonte da fatalidade (pestes, velhice) ou no palco dos campos de batalha onde tombavam os heróis do povo. A guerra fria acentuou ainda mais o sentimento de fragilidade, medo e insegurança que sempre acompanhou a vida dos homens - mas agora numa escala nunca antes experimentada por eles.

Decorre daí, em grande parte, a ansiedade que se instalou em todos os aspectos da vida dos indivíduos: o desejo de realizar tudo o mais rápido possível, o “viver intensamente” ditado pela contra-cultura dos anos 50 e 60, o imediatismo de possuir todas as coisas “aqui e agora”, a gradativa perda da capacidade de vislumbrar um futuro para além da realidade imediata, a impressão de que é preciso que tudo mude para que permaneça exatamente como está, a mentalidade de que nada pode ser feito a não ser cada um lutar pela própria sobrevivência - mesmo porque a morte pode

chegar a qualquer momento na forma de mísseis teleguiados. Foram cinquenta anos que geraram um profundo mal-estar na sociedade e atingiu em cheio a nossa cultura e os nossos valores sociais e individuais.

O segundo ponto que merece ser destacado neste contexto é o fim das grandes utopias libertárias que sempre acompanharam - com maior ou menor intensidade - a nossa história. Por muito tempo, tanto o liberalismo quanto o socialismo depositaram uma grande confiança de que a Ciência e a Tecnologia seriam capazes de realizar as promessas que nos vêm, pelo menos, desde o Iluminismo. A realização da liberdade e da igualdade de todos os homens, o progresso material, a eliminação da pobreza, o estabelecimento de condições de vida dignas para toda a humanidade, enfim, a pacificação da vida do Homem, seja com o seu semelhante ou diante da natureza em sua luta pela sobrevivência que esteve presente em toda a trajetória da nossa civilização.

Uma promessa tão elevada não se cumpriu e, o que é pior, os seus agentes colaboraram decisivamente para a evolução do estado de coisas para uma direção totalmente contrária da que era desejada. Foram a Ciência e a Tecnologia, que auxiliaram a alimentar a escalada da ameaça de uma guerra nuclear em níveis cada vez mais altos, aperfeiçoando os meios de eliminação de populações inteiras em várias partes do planeta, levaram a destruição e a miséria para o sudeste asiático e África, criaram condições para o controle totalitário nos países do leste europeu onde povos eram submetidos a um governo implacavelmente autocrático.

Essa traição foi, aos olhos da maioria, simplesmente imperdoável e impossível de ser esquecida ou superada. E em todo esse dilema do século XX, a sociedade se habituou a estar cada vez mais dependente da Ciência e da Tecnologia, numa estranha relação de identificação com o suposto agressor-opressor de sua própria

existência. O que restou das grandes utopias libertárias dos séculos passados parece ser esse mundo insípido, cada vez mais controlado pela Ciência e Tecnologia, abarcado pelo apático livre-mercado, onde fazer parte dele ou não tornou-se uma questão indiferente aos olhos desse “Grande Irmão” orwelliano da atualidade.

Por fim, uma razão a mais para esse descontentamento na cultura é, certamente, a deterioração do meio ambiente que ameaça novamente toda humanidade. Se na última década, com o colapso do socialismo, foi possível começar a reverter o quadro da Guerra Fria, a impressão que se tem é que a destruição da Terra é mesmo inevitável. Pois, o desmatamento das florestas, a contaminação dos rios e lagos, a poluição nos grandes centros urbanos, a caça predatória, estão libertando novas e desconhecidas forças da natureza que podem levar a uma situação insustentável para a manutenção da vida no planeta, arrasado pela ganância dos homens, indiferentes ao futuro da humanidade. A Terra está ameaçada novamente pelas mesmas forças que espalharam o pânico e o terror durante a Guerra Fria - a própria Ciência e Tecnologia. Advém, daí, uma super-dose de discursos apocalípticos que anunciam o final dos tempos para amanhã ou, na melhor das hipóteses, para depois de amanhã. Não há solução à vista para este mundo e o conformismo vai se instalando nas casas, via satélite.

No entanto, esse discurso do conformismo não engendra, como poderíamos imaginar, a paralisia da sociedade. Ao contrário, ele coloca em movimento toda a engrenagem que permite absorvê-lo e torná-lo útil aos propósitos do sistema que o gerou. A válvula de escape para esse aparente desespero conformista está no consumismo desenfreado das parcelas afluentes da sociedade que busca a plena satisfação de todos os desejos, contrapondo o desperdício e a opulência com a miséria que atinge quase dois terços da humanidade. Nesse mundo de “realidades virtuais”, desde o horóscopo e mapa astral até as fantasias sexuais

de todos os tipos, estão à venda no livre mercado e à disposição da Sua Majestade, o consumidor. Tudo passa a ser devorado pelo eterno presente do imediatismo, da satisfação egoísta dos desejos, da compulsão em consumir as últimas novidades da eletro-eletrônica ou das receitas milagrosas que prometem prolongar a vida das pessoas, mesmo que seja nesse “mundo sem coração” cada vez mais poluído.

Existe, porém, uma ambigüidade nesse discurso do conformismo que produz essa cultura do consumo sem limites. Como tudo está voltado para o presente, tudo é válido - desde novas experiências conjugais até a arte pós-moderna que não tem nada para mostrar. Prega-se o final dos tempos, mas vendem-se produtos para prolongar a vida; critica-se o uso de peles de animais, mas promove-se a venda de produtos sintéticos para satisfazer os desejos do senhor consumidor; fala-se na sobrevivência biológica da espécie, sem, contudo, levar em conta outros fatores da vida comunitária. Dessa forma, a crítica não possui nenhuma substância e o consumismo invade todas as esferas da vida - o mundo está no seu fim, temos que aproveitar o máximo hoje, porque amanhã pode ser tarde - e o indivíduo é devorado pelas engrenagens da produção e circulação de mercadorias, indiferente aos destinos tomados pela humanidade.

2. CULTURA E POLÍTICA

A partir do momento em que se instaura o discurso do conformismo e o consumismo invade todos os espaços da vida individual e coletiva, a própria dimensão política acaba caindo no reino da indiferença. Isso é bem visível nas democracias mais avançadas onde a apatia política coincide com a gestão do bem-estar social e as questões políticas estão relegadas ao segundo plano: abstenção eleitoral, ausência de debates acerca dos grandes temas da atualidade, passividade diante das decisões tomadas nas altas esferas do poder público

etc. O antigo problema do pensamento político quanto aos conflitos inerentes entre indivíduo e sociedade deixa de existir, suprimido pela falsa consciência de que o bem-estar social e a lógica do consumismo podem, simplesmente, tornar essa problemática passível de uma solução tão precária quanto superficial.

Esse isolamento político e social do indivíduo na sociedade contemporânea é o produto melhor acabado da cultura da indiferença. Inexiste qualquer perspectiva, dentro do imediatismo imposto pelo consumismo, para as questões coletivas, pois qualquer tentativa de ação está previamente condenada ao fracasso. Perde-se, assim, a noção do bem público, da vida comunitária, da necessidade de elaborar projetos exequíveis para um futuro que está além dos nossos olhos. A cultura política na sociedade contemporânea é o retrato fiel, criado pelo discurso do conformismo, da apatia quanto aos nossos destinos e o mundo desaba na completa fragmentação da realidade. O indivíduo, incapaz de se situar no plano coletivo, se torna uma vítima indefesa do mundo que lhe é exterior, sofrendo as ações das forças que vão aprisionando-o num universo cada vez mais particularizado e fechado.

O indivíduo nessa sociedade passa a existir apenas enquanto um padrão de consumo. Ele desmonta o próprio fundamento da Filosofia Clássica - “o ser é, o não-ser não é” - e é transmutado no pressuposto do consumismo: “quem tem é, quem não tem não é”. Quem tem possibilidade de consumir, de adotar os padrões de vida apontados como satisfatórios ou elevados, encontra o mundo fantástico das mercadorias à sua disposição e é saudado como um vencedor e não apenas como um sobrevivente. Ao passo que, quem não tem, deve ser excluído de imediato, pois não merece ocupar nenhum lugar de destaque nessa sociedade cujo princípio da competição faz valer a seleção natural dos mais aptos a vencer. Como afirma Jurandir Freire Costa, essa situação fica bem clara no encontro desses dois segmentos que

parece ter substituído a arcaica luta de classes. A violência urbana simboliza, de forma perfeita, o encontro desses dois pólos da sociedade que são indissociáveis: “quem mata, entende que a vítima só vale pelo que possuía como objetos de consumo ostentatório; quem morre, mal sabe que só valia pelos objetos que possuía, como lhe ensinaram a acreditar”.

Assim, são criadas as duas “classes sociais” fundamentais da atualidade: os integrados ao sistema e os que são impiedosamente excluídos como imprestáveis para esse mesmo sistema.

Os que fazem parte dos integrados desfrutam de condições de vida confortáveis, um elevado padrão de consumo, somado a um desperdício fústico de alimentos e outros bens, habitam condomínios que misturam conforto, requinte e um quase infalível sistema de segurança e possuem condições para mandar os seus filhos para as melhores escolas onde irão se acostumar com essa diferenciação social cada vez maior e intransponível. No entanto, na inocência desse pretense bem-estar social está aprisionado um monstro que pode escapar a qualquer momento. Quando olhamos para o pacato pai de família que brinca com os filhos no parque (do condomínio, é claro) ou na imagem mais do que lúdica da família dos integrados passeando num centro de compras, é impossível termos idéia do que esse pai ou essa mãe são capazes de fazer para manter o seu bem-estar diante da ameaça que vem dos excluídos do sistema. Para assegurar-se de privilégios que são contados como direitos adquiridos, é bem provável que, entre o fascismo ou a democracia, a escolha desses grupos recaia sobre a primeira opção. É ilustrativo que, em nossa última eleição presidencial o candidato Enéas, que beirava o ridículo, pregando um discurso fascista, disfarçado com expressões do tipo “resgate da autoridade”, tenha obtido algo em torno de 6% dos votos.

Enquanto isso, porém, os excluídos começam a rondar os domínios dos integrados, que até então, se imaginava serem invulneráveis à

aproximação desses miseráveis. É o caso dos árabes, argelinos e marroquinos, que estão causando o ressurgimento do nacionalismo xenófobo em países como a Alemanha e a França. A extrema direita - que não se constrange em ser chamada de neo-nazista - provoca tumultos e tem conseguido votações expressivas, principalmente na França. A única plataforma de governo que a extrema direita francesa, comandada por Jean-Marie Le Pen, consegue formular é a expulsão de todos os estrangeiros de origem árabe, do país. No Brasil, os excluídos pedem passagem, cercando os luxuosos condomínios fechados, encontram-se com os integrados a bordo dos automóveis importados nos semáforos, tomam conta da periferia das grandes cidades, dominando a contravenção e o narcotráfico e ocupam as áreas públicas como as praias num movimento denominado apropriadamente de “arrastão”.

Esses excluídos estão fora do mercado de consumo, não possuem nenhuma dignidade reconhecida, mas são quase onipresentes. Eles estão nas ruas mendigando ou se prostituindo, nas favelas e nos morros, controlando a venda de cocaína para os integrados e, no caso extremo, unem-se diariamente aos que vivem na afluência, aumentando o índice de criminalidade. Mata-se por um par de tênis ou uma camiseta de marcas famosas - mas nem por isso serão valorizados quando usarem esses símbolos de status social. Viverão para sempre sob o estigma da marginalidade e da violência. Muitos analistas afirmam que estamos vivendo numa sociedade onde ninguém dorme: os integrados, porque têm medo, e os excluídos, porque têm fome.

Essa iniquidade do sistema social reflete diretamente no sistema político. O crescente distanciamento da sociedade civil em relação à coisa pública permite a abertura de um enorme vazio na esfera política, que acaba sendo ocupado pelos mais variados tipos de oportunistas. Não é de estranhar que cresçam a cada dia os escândalos envolvendo políticos da Inglaterra, França, Estados

Unidos e (quem diria!) também do Brasil. São casos que envolvem não apenas a corrupção enquanto desvio de dinheiro público, mas outros aspectos da vida moral da sociedade. O descaso do poder público para com a sociedade parece ser uma relação de reciprocidade: a sociedade também não faz questão de controlar o poder público. Nesse sentido, a corrupção é a própria coroação da indiferença com que temos tratado a esfera política.

3. CULTURA DA INDIFERENÇA: CULTO À INTOLERÂNCIA

Como vimos acima, o discurso do conformismo que gera essa cultura da indiferença não leva, necessariamente, à paralisia da sociedade. Ao contrário, permite colocar em marcha a imensa engrenagem da produção de mercadorias que desembocam no consumismo alucinado dos integrados a esse sistema. Ao mesmo tempo, a cultura da indiferença é movida, também, pela produção de uma infinidade de discursos com aparência de “coisa nova” que permite a sua reprodução no tocante à sociedade, e ser cooptada pela mídia enquanto um padrão de comportamento a ser adotado por todos. Esses discursos, produzidos pela cultura da indiferença, possuem um caráter afirmativo, glorificando a particularidade e a completa relativização dos valores e das atitudes, sem vislumbrar uma perspectiva no horizonte (para eles sombrio) da humanidade. É uma cultura que, no auge do paroxismo, retoma as diferenças contidas na sociedade como arma para lutar por uma pretensa liberdade - quando, na verdade, se torna indiferente a toda e qualquer manifestação do Outro.

É o caso do discurso feminista, dos gays ou dos negros que radicalizam o problema, colocando a questão do preconceito contra eles não como matéria para um debate com toda sociedade, mas apenas como um meio para exercer o domínio que lhes foi negado durante séculos. Ou seja, em vez de conceber, através de suas lutas (muitas vezes

legítimas), uma sociedade diferente do ponto de vista material e mesmo moral, insistem em colocar essas lutas no mesmo plano de dominação do qual eles foram vítimas. E nesse universo de lutas incessantes, não há espaço para o diálogo ou para a argumentação racional. Tudo é movido com base em paixões e ódios do Eu contra o Outro. Se os que não fazem parte do movimento feminista, dos gays ou dos negros, se colocarem em sua defesa, serão recebidos com ataques e expulsos por não pertencerem a esses grupos “minoritários”.

Isto porque, se um indivíduo do sexo masculino, heterossexual e branco tornar-se um defensor desses movimentos a favor dos oprimidos, ele está querendo apenas adquirir a confiança e simpatia de seus membros para cooptar todos num futuro próximo e esvaziar o valor de suas lutas. Defender a liberdade, a igualdade e a dignidade das mulheres, gays e negros, não porque fazem parte de uma suposta particularidade, mas porque são indivíduos que pertencem ao gênero humano e, portanto, portadores desses direitos universais parece ser inconcebível aos olhos dos movimentos radicais. Por outro lado, quando a direita reacionária fala em suprimir os subsídios à Saúde e Educação que afetaria diretamente esses grupos, a reclamação constante é de que inexiste qualquer sentimento de solidariedade por parte do restante da sociedade.

Denomino essa posição radical de culto à intolerância. Não existem mais verdades objetivas que possam ser universalizadas para o conjunto da sociedade. A única verdade existente é a que esses grupos pregam através da imprensa ou das manifestações de rua. Todas as outras possíveis verdades estão já contaminadas pelo vírus do preconceito machista ou dos brancos. A pureza da verdade encontra-se apenas na fonte onde eles se embriagam com o radicalismo. Diante desse crescente isolamento do indivíduo com o coletivo, dos grupos que se auto-denominam de “minoritários” dos majoritários, dos integrados com relação aos excluídos, a única coisa que resta

é um desespero que empurra as questões mais prementes para um segundo plano nas discussões.

Quando confrontada com a questão de que as relações entre homens e mulheres estavam se desenvolvendo num plano positivamente diferenciado do que há algumas décadas, uma feminista indignada não hesitou em sacar, do seu arsenal, a seguinte resposta: “qualquer relação sexual entre homem e mulher, mesmo que consentida, não deixa de ser um estupro”. De acordo com a explicação dessa militante, a mulher já foi condicionada a consentir em manter relações sexuais com um homem! Num outro caso, um militante gay se esforça para provar que Zumbi dos Palmares, Lampião e quem quer que seja, possuíam claramente tendências homossexuais. E afirma, nas entrelinhas, que todos, literalmente, ou foram, ou são, ou ainda serão gays - numa manifestação egocêntrica ao extremo de sua opção sexual. Um caso igualmente aterrador vem do movimento negro mais radical, que está exigindo uma reparação pelos danos causados aos negros por causa dos trezentos e cinquenta anos de escravidão. Essa reparação viria na forma de uma indenização no valor aproximado de 150 bilhões de dólares - sim, em dólares!

A manifestação mais bem acabada desse discurso radical e intolerante vem de um movimento que se convencionou chamar de “politicamente correto”. Como tudo que existe na sociedade contemporânea foi construído a partir do machismo onipresente, do preconceito e da repressão às minorias oprimidas, é preciso criar um mundo à imagem e semelhança dos oprimidos, a começar pela terminologia adotada. É preciso mudar tudo para apagar as marcas da opressão e do preconceito. Dessa forma, este que escreve foi politicamente incorreto em todas as linhas anteriores - e continuará sendo nas seguintes. Pois, o que existe não é a particularização do real, mas o multiculturalismo; não podemos designar de homens os membros do gênero humano mas afirmar repetidamente “homens e mulheres”, “os jovens e

as jovens”, “os consumidores e as consumidoras”, para não darmos a impressão de que estamos nos referindo apenas aos indivíduos do sexo masculino (uma visão falocêntrica); não existe mais o termo “negro” mas “afro-americano”; por fim, não existem mais homossexuais mas apenas aqueles que optaram pelo homoerotismo. É de se perguntar qual o valor real dessas alterações terminológicas no plano social, político ou mesmo pedagógico para as mulheres, os negros e os gays.

Mudar tudo para deixar como está. Nesse cenário onde predomina o discurso radical auto-centrado nas minorias, indiferente à coletividade, a direita mais reacionária ocupa um crescente espaço político. É tudo o que ela deseja para manter a tradição dos seus valores como a propriedade e a família intocados. Faz parte dessa direita atacar qualquer iniciativa de mudança, alegando que o radicalismo infantil dos movimentos sociais é apenas uma manifestação patológica de uma sociedade doente, ameaçada de desintegração e que só eles (os reacionários) possuem o remédio para a cura. Albert Hirschman denominou essa modalidade de discurso de “retórica da reação” cuja marca registrada é a intransigência em relação a qualquer mudança no campo político, econômico ou social. E, assim, tanto os radicais de esquerda, com o seu discurso inflamado, quanto a direita reacionária se vêem reunidos num mesmo universo de intolerância para com o Outro.

Segundo Hirschman, a retórica da intransigência se apega costumeiramente a três teses que se inter-relacionam, dependendo das circunstâncias em que está sendo elaborada: a perversidade, a futilidade e a ameaça. Para os reacionários, qualquer busca de mudança pode (e deve) ser condenada desde o princípio. Isto porque essas ações estão condenadas previamente pela perversidade dessas mudanças, ou seja, os seus efeitos negativos serão bem maiores do que os eventuais ganhos, que possam acontecer. Em segundo lugar, essas tentativas de mudança são

marcadas por uma futilidade sem tamanho, pois são “infrutíferas”, e simplesmente não conseguirão “deixar uma marca”. Por fim, estará sempre presente a ameaça de que as transformações que venham a ocorrer possam anular todas as conquistas anteriores ou demandar um custo excessivo, que não vale a pena ser pago. O imobilismo se instala favorecendo mais uma vez os defensores do status quo. O radicalismo, mesmo que inconscientemente, contribui para esse imobilismo ao isolar-se do mundo exterior numa redoma, de onde pretende manter protegida a pureza de suas verdades absolutas.

Com a instalação desse conformismo diante do isolamento de cada um em sua particularidade, de que nenhum projeto coletivo pode ser vislumbrado, com o imobilismo tanto de direita como do politicamente correto, a indiferença passa a ocupar o seu lugar soberano como padrão do comportamento cultural. Indiferença que se estabelece na relação entre o Eu e o Outro, entre os integrados e os excluídos, os opressores e oprimidos. Torna-se impossível estabelecer um padrão dialógico entre as diferenças e o que seria motivo para uma busca efetiva da emancipação do Homem passa a ser uma luta para aprisionar todos em seu estado de menoridade. Realizar o ideal de liberdade e igualdade para todos os homens, mulheres e homossexuais é uma aspiração universal. Reparar a dignidade dos negros através de uma ação afirmativa que possa garantir as condições para a sua emancipação material e intelectual é outra tarefa que nos aproxima do ideal universal do Homem. Pensar que as mulheres e gays podem ser felizes por si mesmos não nos faz ver um futuro cor-de-rosa para quem quer que seja. Imaginar que a reparação de 150 bilhões de dólares irá garantir a dignidade dos negros é prestar a atenção a um futuro sem nenhuma clareza.

Todavia, esse comportamento que alterna passividade e agressividade diante do mundo em que vivemos já está mostrando as suas conseqüências. De um lado, leva à apatia política

que já foi ressaltada anteriormente, torna impossível qualquer projeto coletivo e a universalização dos direitos humanos passa a ser encarada apenas como mais um elo da interminável cadeia de opressão que nos aprisiona em nossa menoridade. Então, a aparência é de que vivemos em um mundo pacificado, que renunciou à força para subjugar o Outro. Na realidade, no entanto, isso é enganoso. O que está implícito nas democracias ocidentais é a imposição dos interesses e vontades de uma minoria particularizada em seu gueto que defende o seu ponto de vista ideológico com um fanatismo que obscurece qualquer visão política das coisas. Cada vez mais a intransigência e a intolerância expandem o seu domínio na esfera política e social, impulsionando o radicalismo naquilo que ele possui de mais nefasto - a saber, o seu dogmatismo que petrifica qualquer possibilidade de debate.

Pior do que esse estado de coisas que vigora nas democracias ocidentais - marcado essencialmente pela indiferença - é o fanatismo fundamentalista de cristãos, judeus e árabes, que atravessa o mundo carregando poderosas bombas para fazer valer os seus pontos de vista. Educado num mundo que relativizou tudo ao extremo, o domínio das diferenças torna-se um campo aberto para as lutas dos movimentos radicais que jamais poderão descobrir, através da Razão crítica, os meios para a superação dessas diferenças. Ao contrário, o culto à intolerância prega justamente que essas diferenças são irreconciliáveis e, portanto, inevitável o seu confronto nesse mundo fragmentado. Seja o convívio entre homens e mulheres ou de judeus e árabes, a problemática é sempre colocada de forma estanque: a sobrevivência do Eu implica na anulação do Outro. Nesse sentido, a violência nada mais é do que o meio natural para se resolver a questão.

Hannah Arendt escreveu que, a partir do Nazismo, o mundo contemporâneo aprendeu a banalizar todo e qualquer ato de violência cometido contra a humanidade. A cultura da indiferença

ameaça obter um êxito ainda maior: o de tornar banal a própria vida dos homens.

CONCLUSÃO

O nosso século, escreveu Umberto Eco, é o primeiro em toda a história que promove um auto-julgamento antes mesmo do seu término. Com isso, não se pretende negar todas as dores e sofrimentos que o presente século proporcionou a toda humanidade: duas guerras mundiais, a experiência do Nazi-Fascismo, as mutilações provocadas pela bomba atômica, as epidemias de fome na África, Ásia e América Latina, a AIDS, etc. No entanto, é difícil julgar, de modo definitivo se o século XX foi melhor ou pior do que todos os anteriores na história da humanidade.

No final do século XIV, ainda com a lembrança próxima da peste negra e as heresias em pleno andamento, um cronista da época escreveu:

“Tempo de luto e tentação,
Tempo de lágrimas, saudades e tormento,
Tempo de langor e de condenação,
Tempo de queda perto do encerramento”

Como sabemos, bem ou mal, a humanidade conseguiu superar esse e outros tempos sombrios.

Bibliografia

1. COSTA, Jurandir Freire. **A ética e o espelho da cultura**. Rio de Janeiro : Rocco, 1994.
2. HIRSCHMAN, Albert. **A retórica da intransigência**. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.
3. HUGHES, Robert. **Cultura da reclamação**. São Paulo : Companhia das Letras, 1993.
4. LASCH, Christopher. **Refúgio num mundo sem coração**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1991.
5. SCHWARTZ, Hillel. **Fim de século**. São Paulo : Cultura, 1992.